

## Metáforas do exílio na poesia diaspórica de Vilmara Bello

Hideide Brito Torres<sup>1</sup>

Enilce Rocha Albergaria<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo estuda as metáforas do exílio na poesia de Vilmara Bello, cuja produção emerge durante sua condição de migrante. Esta categoria de escritores é designada por Else Vieira (2013) como “escritores da diáspora brasileira”. O artigo considera o conceito de entre-lugar, de Silviano Santiago, e a poética da relação, de Édouard Glissant. Mais do que pensar identidades a partir da territorialidade geográfica, é preciso descobrir o que significa *ser e estar no mundo* para os escritores desterritorializados.

Palavras-chave: Estrangeiro; Poesia; Metáfora; Poética da Relação; Vilmara Bello

**ABSTRACT:** This paper studies metaphors of the exile in poetry produced by Vilmara Bello, whose production emerges during her migrant status in a foreign country. This category of writers has been designated by Else Vieira (2013) as "writers of the Brazilian diaspora". The article considers the concept of in-between, by Silviano Santiago, and the poetics of relation, by Édouard Glissant. More than thinking identities from the geographic territoriality, it is necessary to discover what means *being and staying in the world* to the desterritorialized writers.

Keywords: Foreign; Poetry; Metaphor; Poetics of Relation; Vilmara Bello

Este artigo intenta discorrer sobre as metáforas do exílio na escrita de uma poetisa brasileira, cuja produção emerge durante sua condição de migrante em um país estrangeiro. Esta categoria de escritores vem sendo designada pela pesquisadora Else Vieira (2013) como “escritores da diáspora brasileira”.

Mia Couto afirma: “como escritor, a nação que me interessa é a alma humana” (*apud* XAVIER, 2007, p. 312). De fato, na atualidade, mais do que pensar os conceitos de identidade a partir da territorialidade geográfica, é preciso descobrir o que significa, para os escritores desterritorializados, o ser e estar no mundo em condição de permanente mudança, ante fronteiras movediças (tanto geográficas quanto sociais e culturais), ou no entre-lugar, que

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora.

<sup>2</sup> Doutora em Letras - Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (Universidade de São Paulo, 2001), professora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora.

desterritorializa o nacional, como os brasileiros em Nova Iorque de *Stella Manhattan* e tantos outros personagens em trânsito pelas Américas em contos de *O Banquete e Histórias Mal Contadas*, compondo uma verdadeira genealogia de uma diáspora tupiniquim que se firma nos últimos 10 anos (LOPES, 2012, p. 25).

Tudo isso resulta na necessidade de negociar as noções de espacialidade, territorialidade e cultura que podem ajudar na compreensão do que significa ser estrangeiro e sua implicação para uma nova dinâmica de compreensão da alteridade e propostas humanizadoras de hospitalidade. Por isso, entra em cena também o conceito de *relação* (cf. GLISSANT, 2013), e que, nas palavras de Enilce Albergaria, enfatizando a proposta de Édouard Glissant para a abordagem da identidade cultural, “ressalta a importância de se considerar a confluência da multiplicidade das expressões culturais dos povos e das minorias na abordagem do fenômeno da globalização” (ALBERGARIA, 2009, p. 33).

Assim, “a relação é a trama concreta e obscura na qual o silêncio e o aniquilamento das comunidades, seus desregramentos e suas tentativas de liberação se mostram, se dizem no discurso dos povos” (ALBERGARIA, 2009, p. 33). Buscaremos, portanto, à luz desses conceitos balizadores, perceber as marcas das novas territorialidades em Vilmara Bello, a partir das metáforas por ela utilizadas em sua poesia diaspórica.

### **Diáspora e a produção literária**

A “diáspora” é um termo que vem da história judaica para explicar o processo pelo qual, depois do ano 70 d.C., particularmente, os judeus espalharam-se por todo o mundo em função da política imperialista de Roma. Sob novas vertentes conceituais, o termo é retomado pelos estudos culturais para explicar, segundo Stuart Hall, não apenas os

deslocamentos territoriais das populações, que aumentaram exponencialmente no contexto da pós-modernidade, mas também as dificuldades tanto de morar em outro país quanto de religar-se a suas sociedades de origem. É a “sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento, a qual – parece cada vez mais – não precisamos viajar muito longe para experimentar” (HALL, 2009, p. 27).

No site da BBC, há uma informação de que há 160 milhões de migrantes no mundo, pessoas “vivendo fora do seu país pelas mais variadas razões – da mudança temporária por exigência do trabalho à tentativa de uma vida melhor no exterior fugindo de guerras”<sup>3</sup>. Já a

---

<sup>3</sup> <http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/migrantes/migrantes.shtml>, acesso em 29 de maio de 2014.

“Organização Internacional para as Migrações (OIM) estima que em 2010 existiam 214 milhões de migrantes internacionais espalhados pelo mundo” (ONG REPÓRTER BRASIL, 2012, p. 6).

No caso dos brasileiros, de acordo com o site do IBGE, em parceria com o Ministério das Relações Exteriores, estima-se que haja 491.243 deles no exterior (Censo 2010). O próprio Ministério estimava cerca de 2,5 milhões de brasileiros, mas ambos os órgãos estão em busca de melhores metodologias para saber essas informações com mais precisão, uma vez que as condições tanto de entrada quanto de permanência de brasileiros em outros países pode dificultar o acesso a dados precisos. De qualquer modo, os dados do IBGE informam também acerca de gênero, idade e estado de origem dos imigrantes. Segundo esses setores, o objetivo é aperfeiçoar as políticas do governo brasileiro em benefício desse grupo<sup>4</sup>.

Esse contingente populacional, face ao processo diaspórico<sup>5</sup>, busca formas de expressão pelas quais elaborar seus sentimentos, dificuldades e emoções, pois

Diante da "floresta de signos" (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias ("reliquias secularizadas", como Benjamin, o colecionador, as descreve) ao mesmo tempo em que esquadrimos a constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e dar-lhe forma. Talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos... (CHAMBERS *apud* HALL, 2009, p.17).

Cláudio Roberto Vieira Braga e Gláucia Renate Gonçalves, ao discorrerem sobre o espaço literário diaspórico, afirmam que “a história de vida do escritor diaspórico envolve imigração ou outros tipos de deslocamento e um *complexo processo de negociação entre o país de origem e a terra que o hospeda*” (BRAGA; GONÇALVES, 2014, p. 41, grifos nossos). Esse processo colocaria o escritor em um estado que Gilles Deleuze explica como *devir ou dupla captura*:

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão "o que você está se tornando?" é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de

---

<sup>4</sup> <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-externo-em-cerca-de-500-mil/impressao>, acesso em 30 de maio de 2014.

<sup>5</sup> Para um detalhamento da compreensão conceitual da diáspora, sugerimos o artigo: BRAGA, Cláudio Roberto Vieira; GONÇALVES, Gláucia Renate. Diáspora, espaço e literatura: alguns caminhos teóricos. In: *Revista Trama*. Unioeste, v. 10, n. 19, 2014, p. 37-47.

imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 10).

Para Silviano Santiago, o intelectual latino-americano estaria, no século XX, nesse entre-lugar, um espaço não definido e de transição “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão” (SANTIAGO, 1978, p. 28). Denilson Lopes acrescenta que essa experiência, na contemporaneidade, não aflige apenas ao intelectual, mas também ao índio e ao negro, ou aos continentes africano e hispano-americano, aos quais os europeus viram as costas, ao gay e ao subalterno. Desta forma, “o entre-lugar (...) poderia ser entendido em diálogo com o subalterno de Gayatri Spivak e com a poética de relação de Édouard Glissant” (LOPES, 2012, p. 27).

Nessa dinâmica, pode-se dizer que o escritor diaspórico é o sujeito que está no meio, entre as culturas, trafegando entre elas em um constante e dolorido movimento, muitas vezes como subalterno. Ele se vê como minoria nesse espaço que não é propriamente seu, mas desejando retornar a um ao qual talvez já não se integre plenamente mais, uma terra prometida já fora de seu alcance. E enquanto o faz, ele reelabora, por meio da linguagem, seu ser e estar no mundo, de modo que já não é mais o mesmo, mas nem é totalmente outro.

Braga e Gonçalves, em artigo, apresentam 12 características do espaço literário diaspórico, que atrelam à escrita em prosa, mas que também podem ser encontradas, segundo eles, na poesia. Algumas dessas 12 características são:

está imbricado de ideias de movimento e cruzamentos de fronteiras, articuladas à dispersão diaspórica que tem início na terra natal;  
tem por tema a dispersão diaspórica e o fator, ou fatores, que a causaram, frequentemente um trauma na terra natal, que em geral é conhecido logo na exposição;  
tem como cena principal o enclave diaspórico, um entre-lugar em que a história se passa, situado geograficamente fora da terra natal, mas que traz referências a ela, em meio a influências espaço-culturais do país hospedeiro;  
prioriza um clima tenso, recorrente na condição diaspórica, quer seja por razões sociais, morais, econômicas, políticas ou psicológicas, girando em torno da relação da diáspora com o país hospedeiro e a terra natal;  
realiza-se por meio de um estilo narrativo fragmentado ou disperso, estratificado ou superposto em camadas;  
está propenso a apresentar influências de uma tradição literária de origem, uma “terra natal literária”, cujas referências estão presentes na formação do escritor diaspórico, e podem estar visivelmente marcadas em seu trabalho ou se manifestar simbolicamente;  
explicita um posicionamento político, já que narrativas diaspóricas geralmente dão voz a minorias deslocadas, ignoradas e silenciadas;

é criado por escritores com história pessoal e familiar diaspórica, ou que optam por um estilo de vida diaspórico, tendo, com frequência, interesse em escrever sobre a terra natal, o país hospedeiro e quaisquer temas pertinentes à comunidade diaspórica em si. (BRAGA; GONÇALVES, 2013, p. 45-46)

Pode-se encontrar várias características na poesia de Vilmara Bello, como, por exemplo, seu difícil trânsito entre sua língua natal e a língua de seu lugar de residência, não só no aspecto do emprego de vocábulos, expressões e até textos inteiros. Há o esforço da escrita em inglês, mas lhe é penoso e ela logo o abandona. Mas também deixa sua marca no processo de levar autores brasileiros para esses idiomas, agindo como divulgadora da literatura brasileira (VIEIRA, 2013, p. 39). Entre 1999 e 2000, organizou eventos na Inglaterra e Estados Unidos, chamados *Terra Brasil* e *Poetry Café*, nos quais se recitavam poemas de autores brasileiros, como Carlos Drummond de Andrade. Embora não se trate de uma tradução dos textos, mas de sua exposição, a atividade de divulgação persiste.

O sentimento de deslocamento se manifesta na escrita literária, na qual o autor diaspórico constitui a si mesmo e à sua obra, buscando também estabelecer relações com seu público leitor. Essas nuances de identidade, deslocamento, estrangeirice fazem emergir uma escrita específica, com seus temas e busca por um lugar no mundo móvel, em diálogo com esse público-leitor, por meio da produção.

### **Conhecendo a escritora**

Vilmara Bello, oriunda do Paraná, residiu primeiramente nos Estados Unidos e depois no Reino Unido, entre 1998 e 2003<sup>6</sup>. Atuou como profissional de jornalismo em televisão e impresso, sendo este último um jornal para brasileiros no exterior. Antes de emigrar, publicou dois livros: *Minha nudez* e *Por trás da carne* e durante seu período de migração escreveu diversos poemas que podem ser acessados em seu blog (<http://www.vilmarabello.com.br>). Textos produzidos no exterior também podem ser encontrados no livro *Poetas à deriva* (2013), sendo esses os textos publicados na condição de migrante, que serão analisados neste artigo.

Flávio Perri, comentando a poética de Vilmara no prefácio dessa obra, sinaliza uma das temáticas da autora: “em busca de caminhos em sua profunda humanidade e na angústia da palavra”. De fato, a questão migrante aparece na obra de Vilmara, como “contraditório

---

<sup>6</sup> <http://pelomundobrasil.blogspot.com.br/p/autores-brasileiros-pelo-mundo.html>

sentimento diante do lugar imóvel e a velocidade do vento” (PERRI, 2013, p. 30).

### **O corpus de análise da poesia de Vilmara Bello**

Analisaremos os poemas de Vilmara Bello produzidos no exterior e publicados na antologia *Poetas à deriva*, de 2013. A edição é bilíngue, mas não nos ocuparemos da tradução, senão dos poemas originais da autora, escritos em português, durante seu tempo de migração. São 18 poemas nos quais impera o tema do exílio, com forte carga emocional, que retratam o mundo interior da poetisa em contraste com a paisagem estrangeira.

Buscamos as metáforas relacionadas com a condição de migrante. A migração é um dos tipos de exílio, pois segundo Edward Said, o exílio tem a ver com as condições da saída da terra natal, em situações de expatriamento, refugimento e emigração (SAID, 2006, p. 46-60). Pode-se perceber que a autora aborda o espaço de modo a apontar seu sentimento frente à territorialidade do país estrangeiro em termos de uma geografia interior do exílio<sup>7</sup>, como explicitado nestes versos de “Paisagem Americana”:

Na secreta paisagem que me habita  
Guardo semblantes que eu reconheço.  
Persigo-os noite adentro,  
Dia afora, e tudo,  
Todo o tempo se evapora. (BELLO, 2013, p. 332, grifos meus)

### **A terra natal e a terra estrangeira: a metáfora do caminho**

De acordo com Braga e Gonçalves, a escrita diaspórica trabalha com “ideias de movimento e cruzamentos de fronteiras, articuladas à dispersão diaspórica que tem início na terra natal” (BRAGA; GONÇALVES, 2013, p. 45-46). Isso acontece porque muitos migrantes saem de suas terras forçados por situações tais como guerras, desemprego, tragédias naturais ou em busca de identidade. Seu deslocamento já tem princípio pelo incômodo que provoca sua saída.

Para Maria Zilda Cury, “o imaginário da mobilidade suscita novas percepções espaciais, também ele, espaço, conceito que se quer apreender não como categoria imóvel

---

<sup>7</sup> Este termo é utilizado por alguns autores, como Edward Said e Paul Ilie, para considerar as rupturas que acontecem no interior do indivíduo na condição de migrante, e que seriam uma condição mental, antes de ser uma condição espacial ou geográfica.

ou passiva, mas em sua dinâmica migrante” (CURY, 2012, p. 12). Cury argumenta que a realidade da globalização faz com que as pessoas tenham uma sensação de encolhimento do mundo e fala do espaço como uma “multiplicidade de trajetórias, um processo sempre inacabado de interconexões” (...) e que “chegar a um novo lugar significa tornar-se associado às histórias de que aquele lugar é feito” (CURY, 2012, p. 12).

Em vista de tudo o que o espaço desperta interiormente nos escritores, surge neles a sensação que autores como Michel Agier (2011) chamam de “exílio interior”. Refere-se aos que estão prisioneiros “do lado de fora”. Agier nos coloca em condições de compreender o que seria a sensação de estrangeirice que acomete a todos que estão em deslocamento no nosso mundo, que não acham seu lugar de chegada e que não têm para onde voltar. Os poemas de Vilmara expressam esse não-pertencimento de forma bastante enfática, como ocorre em “Paisagem americana”, em termos que lembram o conceito de errância em Glissant:

Agora tenho outros amigos.  
Outros motivos.  
Outras paisagens. Outra cidade.  
Mas os olhos continuam perseguindo  
miragens além dos oceanos...

Tenho sido noite e dia, dia e noite.  
Misturas que me perseguem  
faltas que me completam  
desde que deixei o útero  
de minha mãe.

Ainda que atravesse países, Américas  
por onde for,  
estará comigo essa ausência de felicidade  
uma estranha sensação estrangeira  
no mundo dos homens. (BELLO, 2013, p. 332)

Glissant afirma que “a errância e a deriva são o apetite do mundo. Aquilo que nos leva a traçar caminhos pelo mundo. A deriva é também um *sendo* para todas as espécies de migrações possíveis. (...) A errância tem virtudes que chamaria de totalidade: é a vontade, o desejo, a paixão de conhecer essa totalidade” (GLISSANT, 2013, p. 128). No poema, a sensação da estrangeirice tem princípio já no nascimento, percebido como uma saída da terra mais natal de todas e que se torna parte integrante da poetisa. A perene sensação da busca, manifesta no movimento dos olhos “que perseguem miragens”, dá pertinência à ideia do *sendo*, expressa também no verso: “Tenho sido noite e dia, dia e noite”.



Há um contraste entre a paisagem, que é real e concreta, e miragem, outra metáfora muito próxima do sonho ou da imaginação. A miragem evoca a visão composta não a partir do real, mas das imagens mentais de quem olha, mormente afetado por condições precárias que geram distorção dos sentidos ou alteração de consciência, como quem anda sob o sol intenso do deserto, por exemplo. A miragem tem conexão com o desejo e o inalcançável. É uma metáfora forte para a diáspora, pois esta, de acordo com os sentidos recuperados por Lopes em sua pesquisa, também é

é a dispersão de um povo de sua pátria original (...) caracterizada pela: 1) presença em dois ou mais lugares; 2) mitologia coletiva de uma pátria; 3) alienação no país de origem; 4) idealização de retorno à pátria; 5) contínua relação com o país de origem... (LOPES, 2012, p. 63)

Todos esses elementos aparecem na poética de Vilmara. A oposição paisagem x miragem caracteriza a presença em um ou mais lugares e, bem aqui, como um entre-lugar no qual se expressam culturas, idiomas e territorialidades distintas. É igualmente explícita, tanto aqui como nos outros poemas analisados, a relação com o país de origem, a qual é a inspiração mesma da escrita da autora. A sensação de alienação no país aparece nos versos nos quais a autora reconhece sua condição de vagante pelo mundo, utilizando-se outra vez de recursos visuais vinculados à ideia da estrada ou caminho, como a figura dos pés, que emerge em outros poemas.

A errância e a deriva aparecem também em outros trechos, como em “Procurando caminhos” (cujo título já é igualmente sugestivo):

Procuo palavras e caminhos.  
Às vezes caminho e não vejo  
Palavras.  
Às vezes palavras e não vejo  
Caminhos.  
Às vezes ando.  
Às vezes corro.  
Sem caminhos,  
Sem palavras  
Eu me calo. (BELLO, 2013, p. 334)

A territorialidade, o uso do espaço, que emergem no tema geográfico do caminho, encontram seu sinônimo na linguagem. A necessidade da expressão verbal é a possibilidade de deslocar-se, mover-se e andar. A ausência da linguagem é a imobilidade, paralisação, ausência de uma trilha, um trajeto, um caminho. O resultado da ausência não é o vazio geográfico, espacial, mas é o silêncio, sentido como um não-lugar, o que evoca a



constatação de Agier (2011) de que o exílio interior é uma *topografia reinventada* em nossos dias.

O lugar interior construído por meio da linguagem quando as referências exteriores não produzem sentido a não ser o incômodo de sentir-se estrangeiro. Quando esse caminho, que para o escritor diaspórico é uma forma de condução ao lar, desaparece da vista, o silenciamento é uma possível resposta. Em seu depoimento sobre o processo criativo, Vilmara Bello nos informa:

Sei apenas que atravessei um momento de profunda introspecção e distanciamento, não só físico quanto emocional, de tudo o que me ligava a uma profissão, uma realidade, um país. Paradoxalmente, foram esses fatores que mais me influenciaram e me auxiliaram a reconstruir um universo em um país distante (BELLO, 2013, p. 372).

Para Said (2003), o exílio é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes da terra natal, do passado. Tudo isso gera insegurança, uma solidão e privação e, por isso, surge uma necessidade de reconstruir a identidade a partir de refrações e descontinuidade. Segundo Vilmara, em depoimento no livro *Poetas à deriva*, tal experiência se materializava em viver como pisar em terreno perigoso, o que requer um passo descontínuo, desritmado, marcado por paradas: “naquele momento minha alma sofria uma espécie de exílio poético, refugiando-se *em um campo minado, vulnerável e precível*” (BELLO, 2013, p. 372, grifos meus).

Na sua poesia, essa descontinuidade emerge a partir das referências topográficas em termos de estradas, ruas e caminhos interrompidos ou desencontrados; portas fechadas, pontes quebradas. São metáforas de busca por organização interior, expressando a sensação de transitoriedade e de deslocamento que acomete o migrante, o exilado:

Continuo Vilmara mendigando o afeto dos homens,  
enquanto falo de almas  
me perdendo em passos ligeiros, penso em você,  
procuro portas, estradas, procuro Américas... (BELLO, 2013, p. 338)

Ando pelas ruas dessa cidade  
E vejo os sinais. (...)  
Apenas que de Brixton até Green Park  
Pela Victoria Line,  
Vou por todas as ruas da minha infância. (...)  
Ando por uma Londres  
Que me inunda de infância e de Brasil. (BELLO, 2013, p. 340)

Novas estradas se desdobram diante dos mesmos pés  
Tudo agora é ausência, paisagem diferente, cidades distantes,  
Reflexos do passado em minha memória perplexa...  
Onde estará minha pátria? Estaria lá minha paz? (BELLO, 2013, p. 344)

De onde vêm essas sensações?  
Por favor abram as portas! (BELLO, 2013, p. 336)

### **A relação entre terra e língua: novas metáforas**

O estranhamento surge também por meio dos sentidos. A audição evoca a memória da língua materna, a única inteligível, como evidencia o título do poema (“Só sinto em português”):

Como são estranhas as palavras  
Que ouço em conversas no metrô!  
Não tenho ideia do que falam  
Tampouco sobre o que pensam (BELLO, 2013, p. 340).

E também pelo tato, como que sentindo a pele nua, o que também evoca a ideia do abandono e da extrema fragilidade:

Estive procurando palavras  
para vestir a minha língua  
que ainda só sabe sentir em português. (BELLO, 2013, p. 342).

Segundo Vieira, “trata-se da poesia tátil, com vocábulos de significado imagético, muito expressiva quanto às sensações, ora visuais, ora auditivas” (VIEIRA, 2013, p. 37). Além disso, os “sentidos constituem uma contínua e pungente rememoração de suas memórias sensoriais” das percepções deixadas para trás e que estão, ainda, “na base de suas primeiras interações com o novo lugar” (VIEIRA, 2013, p. 49).

Como resultado do deslocamento em seu presente migrante, emerge outro tema muito caro à escrita diaspórica, a memória da infância como pertencimento geográfico à terra natal:

Apenas que de Brixton até Green Park,  
pela Vitória Line,  
vou por todas as ruas da minha infância.  
Passeio pelo quintal da minha avó.  
Depois subo em árvores lá de casa  
onde meus irmãos e eu,  
entre tapas e empurrões,  
saboreávamos as laranjas mais doces da minha vida (in VIEIRA, 2013, p. 340)

Desta forma, percebe-se que a terra natal aparece intensamente na obra de Vilmara, estabelecendo o que Ravetti caracteriza como “movimento reverso” (RAVETTI, 2013, p. 444): “de volta à infância, ao tempo e ao lugar onde se aprendeu a falar, a sentir e a experimentar. Porque uma língua natural é nativa ou nacional, mas é também particular, familiar, histórica; é a coisa menos partilhada do mundo” (RAVETTI, 2013, p. 444). Fica explícita a íntima conexão entre infância e língua como duas faces da mesma moeda poética, que permite ao escritor reencontrar seu lugar no mundo migrante, por meio da geografia da memória.

Outra metáfora que emerge na poesia de Vilmara e tem relação com a espacialidade é a do vento e do ar:

Sem pátria e sem abrigo,  
Entrego meu destino ao vento que sopra no sul (...)  
Perdoe-me por tanto querer asas e rejeitar  
O que me limita ao chão (BELLO, 2013, p. 338)

Aqui, o vento parece rememorar a dinâmica da aventura dos desbravadores do mar, que iam em suas caravelas rumo ao desconhecido. Sua chegada eventual a algum porto dependia bastante do vento. Também a referência ao sul refere-se ao lugar ocupado pela poetisa na perspectiva migrante, sendo seu país de origem ao sul. O sentimento de aprisionamento ocasionado pelo exílio encontra seu escape na figura das asas, que dão o sentido figurado da liberdade. Novamente aparece a metáfora relacionada com o caminho ou com os pés – o chão – no qual se encontra a poetisa.

Em “O vento de Westminster”, a sensação provocada pelo vento é a de certa renovação no ar, mas que não gera conforto na escritora:

A primavera vem chegando  
sinto o perfume das flores  
no vento que sopra em Westminster.  
Pela janela vejo imensos azuis no céu,  
tão acostumado com as pesadas nuvens inglesas.  
Vejo sorrisos nunca vistos no inverno (...)  
pedalando, correndo, me procurando e me perdendo  
em ruas cobertas de folhas e de ausências.  
E, despercebida, cumpre-se a vida, suponho. (BELLO, 2013, p. 356)

O vento, no poema, tira do lugar as costumeiras penumbras de Londres e permite que as pessoas sorrissem, o que, de algum modo, é surpreendente aos olhos da escritora. Ele está relacionado com a chegada da primavera, uma estação mais amena, na qual é possível deparar-se com imensos azuis no céu. Contudo, a poetisa sente-se compelida a distanciar-se, compulsão expressa pelas ações de pedalar e correr. A rua, cheia de folhas e ausências, faz anuência indireta ao vento, cujo resultado é esse desfolhar, o cair das folhas das árvores é comparável ao cair das lembranças por sobre a poetisa.

O vento aponta o irreduzível fato de a vida seguir adiante, apesar do desejo de permanência expresso pela autora, mas impossível de acontecer. Ela mesma e sua realidade estão em constante movimento, mantendo este mal-estar que acompanha o escritor diaspórico em sua busca eterna por um lugar onde pousar.

### **Considerações Finais**

A escrita diaspórica faz surgir uma série de metáforas relacionadas com a migração e com a distância da casa, da incansável impermanência, do desejo de um porto seguro e de companhia frente à solidão. Mia Couto também se apropria de metáforas similares em “Companheiros”, quando escreve: (...) quero/ calçar-me de terra/ quero ser/ a estrada marinha/ que prossegue depois do último caminho (...) mas não lego/ mapa nem bússola/ porque andei sempre/ sobre meus pés/ e doeu-me/ às vezes/ viver (...) (COUTO *apud* MEDINA, 2003, p. 123-124).

Esse sentimento de inadequação, que gera a dor criativa extravasada no poema, é uma riqueza de todos os povos. São sujeitos que deixam seus lugares e se espalham pelo mundo. São povos que precisam acolher o que vem de fora. Aqui se expressa de um modo singelo uma perspectiva de relação. Pois a poética “não é uma arte do sonho e da ilusão, mas sim uma maneira de conceber-se a si mesmo, de conceber a relação consigo mesmo e com o outro e expressá-la. Toda poética constitui uma rede” (GLISSANT, 2013, p. 133).

As metáforas da poesia de Vilmara Bello colocam em relação o residente e o estrangeiro. Colocam em face o leitor brasileiro que vive no exterior e o leitor brasileiro que, em seu próprio país, pode imaginar o outro, o estrangeiro que aqui habita, a partir de um novo

olhar, de acolhida, de novos afetos e de hospitalidade. Pois uma vez que os autores diaspóricos trabalham os temas que abordam o rompimento das fronteiras, os impasses da língua, o senso de não-pertença, abrem o leque para que a literatura inspire posturas, abra-se ao outro.

Ademais, esses temas permitem a redefinição do que seria o país, a língua, o território e ressignificam o simbólico da linguagem. A mudança, a velocidade, a mobilidade, a não-permanência e a fluidez são postos em destaque nessa escrita que transborda pelas beiradas das fronteiras tanto territoriais quanto culturais. “Chegamos a um momento da vida das humanidades, afirma Glissant, em que o ser humano começa a aceitar a ideia de que ele mesmo está em permanente processo. Ele não é ser, mas sendo e que como todo sendo, muda” (GLISSANT, 2013, p. 30).

Uma característica evidente da poética diaspórica é assumir essa mutabilidade por meio de suas metáforas: caminhos, estradas, pés, pontes, passagens, assim como pés e asas, remetem a esse ser humano sempre em busca, sempre a caminho, sempre, portanto, mutante, migrante, diferente. Uma poética da relação se expressa, pois, já que somos todos, afinal, migrantes em um planeta no qual não podemos fixar-nos, mas pelo qual passamos na migrante e efêmera existência. Tal constatação nos deve fazer mais fraternos, abertos à totalidade-mundo (GLISSANT, 2013, p. 45).

Pode-se dizer que a poética de Vilmara Bello responde a esse apelo que emana das reflexões do pensador martinicano: o lugar de onde sua poética é emitida – no caso, o lugar migrante e as reminiscências da terra natal à qual reporta – está em diálogo, em relação à totalidade-mundo, dentro da qual outras literaturas e poéticas igualmente emergem buscando superar *o exílio em si mesmo* e alçar ao diálogo, à Relação (cf. GLISSANT, 2013, p. 38-39).

Cabe ainda lembrar as palavras de Said (2006), quando afirma que o exílio pode nos ensinar a ver o mundo inteiro como uma terra estrangeira e, nesse sentido, proporcionar uma originalidade de visão. Os exilados têm consciência de mais de uma língua, de mais de uma cultura, um cenário ou um país. Essa pluralidade de visão permite uma consciência diferenciada, de dimensões simultâneas. Apesar de não ser um estado satisfatório ou confortável, o exílio pode nos propiciar a experiência da relação justamente por possibilitar estar no lugar do outro, gerando empatia.

### Referências bibliográficas

AGIER, Michel. *Le couloir des exiles. Être étranger dans un monde commun*. Broissieux: Éditions du Croquant, 2011 (Notas de aula, traduzidas por Enilce Rocha Albergaria).

ALBERGARIA, Enilce Rocha. A noção de relação em Édouard Glissant. In: *Ipotesis Revista de Estudos Literários*. v. 6, n. 2. Juiz de Fora: UFJF, 2009, p. 31-39.

BELLO, Vilmaria. Seleção de poemas. VIEIRA, Else R. P. (org.). *Poetas a deriva: primeira antologia da poesia da diáspora brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 327-375.

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira e GONÇALVES, Glaucia Renate. *Diáspora, espaço e literatura: alguns caminhos teóricos*. *Revista Trama*, v. 10, n. 19, 2014, p. 37-47.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Mobilidades literárias: migração e trabalho*. In: *Ipotesi Revista de Estudos Literários*. Trabalho e migração. v. 16, n. 1, Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012, p. 11-20.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

GLISSANT, Édouard. *Introdução à poética da diversidade*. 1ª reimpressão. Juiz de Fora: UFJF, 2013.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

LOPES, Denilson. *No coração do mundo: paisagens transculturais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012

MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*, São Paulo: Summus, 2003.

ONG REPORTER BRASIL. *Migração: o Brasil em Movimento*. São Paulo: Repórter Brasil, 2012. Disponível em: [http://www.escravonempensar.org.br/wp-content/uploads/2013/03/caderno\\_migracao\\_alta.pdf](http://www.escravonempensar.org.br/wp-content/uploads/2013/03/caderno_migracao_alta.pdf), acesso em 30 de maio, 2014.

PERRI, Flávio. Prefácio à antologia *Poetas à deriva*. In: VIEIRA, Else R. P. (org.). *Poetas a deriva: primeira antologia da poesia da diáspora brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 25-34.

RAVETTI, Graciela. O murmúrio silente do exilado. In: VIEIRA, Else R. P. (org.). *Poetas a deriva: primeira antologia da poesia da diáspora brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 440-447.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: \_\_\_\_\_. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 46-60.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo, Perspectiva, 1978b

VIEIRA, Else R. P. (org.). *Poetas a deriva: primeira antologia da poesia da diáspora brasileira*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

XAVIER, Lola Geraldes. *O discurso da ironia*. Viseu: Novo Imbondeiro, 2007.